

A ALMA DA GENTE DAS BRENHAS: O VERBO DOS MISSIONÁRIOS

Lúcia Tupiassú¹

Bolsista da pesquisa. UNAMA

Com a intenção de definir a existência ou não de uma Identidade da Literatura Paraense, propõe-se aqui uma análise de alguns elementos que fazem parte do *corpus* desta Literatura: *onde se escreve, quem escreve, sobre o que escreve e com quais supostos interesses se escreve*. Para tal, são analisadas obras de missionários do século XVII e XVIII, com os objetivos de destacar as características marcantes de seus discursos e de buscar entender o *porquê* dessa forma de expressão. Há uma pretensão de se poder inferir quem seja o habitante local a partir destas visões. Ou seja, deseja-se descobrir como os autóctones são retratados na literatura dos missionários. O principal autor do século XVII a ser estudado é o Pe. Antônio Vieira, com alguns de seus sermões. Sua obra é comparada com a visão de outro padre também do século XVII – o Pe. Yves D'Evreux –, com base em um relato de viagem. O Pe. João Daniel, também missionário jesuíta, é o representante do século XVIII a ser estudado. Dessa forma é possível ter um panorama de como o índio é visto nos dois séculos em questão, quando marcas de *paraensidade* são compreendidas como estigma de desqualificação do indígena.



¹ Aluna do Curso de Comunicação Social
– Publicidade e Propaganda e bolsista do Projeto
Discurso Poético Paraense - UNAMA

1 - O começo de tudo...

Literatura Paraense ou Literatura Amazônica? Esse é um dos questionamentos possíveis de se fazer ao se tratar de Literatura no âmbito regional, amazônico, paraense... Essas, e muitas outras perguntas, fazem parte de um enorme rol de dúvidas que encontramos pendentes ao falar nesse assunto. Então, o que fazer? Tomar como certas e definitivas as opiniões de pessoas experientes no assunto? Satisfazer-se com a incerteza das opiniões divergentes? Deixar sem respostas as polêmicas questões? Não! O mais sensato e coerente a se fazer seria pesquisar o assunto e buscar respostas fundamentadas, não descartando, é claro, nenhuma possibilidade, nenhuma opinião, de quem quer que seja, nem formando conclusões precipitadas a partir de uma ou outra informação obtida.

Dessa forma, tem-se a proposta de estudar a identidade do discurso poético paraense, ou a identidade da Literatura Paraense, e, para isso, é necessário voltar aos primórdios da produção literária na região para se poder entender como se deu a “evolução” desta Literatura, desde sua origem até os dias atuais. Portanto, faz-se necessário retornar ao período colonial, que foi quando tudo começou.

A descoberta do “novo mundo” trouxe muitas mudanças ao cenário mundial. A existência de terras tão ricas materialmente e com habitantes tão diferentes do que se tinha até então era algo surpreendente para os europeus. Esse “novo mundo” representava o ganho de mais terras, de mais almas a serem convertidas ao cristianismo, de um maior poder político, enfim.

Com a vinda de colonizadores para a região amazônica, vieram, também, missionários, viajantes, além dos demais imigrantes, que iniciaram o processo de ocupação do norte do território brasileiro. Todas essas pessoas entraram em contato com o então habitante local – o índio. E esse contato se deu de diferentes formas, de acordo com os interesses diversos. Por exemplo, os colonizadores, com intuítos meramente materiais (extrair riquezas naturais) acabavam por apenas explorar a mão-de-obra indígena; os viajantes, em sua maioria, viam os índios como seres excepcionais e surpreendiam-se com a sua diversidade cultural (além, é claro, de espantar-se com a riqueza da região); já os missionários os julgavam como almas que precisavam ser salvas, impondo, por isso, a eles, uma cultura nova e diferente – a européia, ocidental – anulando, assim, a cultura nativa.

Estes são alguns exemplos de quão complexo é estudar a situação do amazônica, quando da chegada do estrangeiro na região. E, certamente, tudo isso interfere na forma como se escreve na e sobre a região. E, ainda, tudo isso exerce influência sobre a cultura das gerações posteriores, que formam a cultura amazônica. Daí a necessidade de se atentar para a forma como se dá esse início de colonização, que é a base do que se tem hoje.

2- Os autores estudados

Passemos, então, a quem produz a literatura da época. No período em questão, quem escrevia, eram os missionários e os viajantes². Cada um deles – com interesses bem diferentes entre si – tinha sua visão diferenciada sobre o local, a região, os habitantes e cultura destes.

No caso dos missionários, sem dúvida o maior expoente que se pode tomar como base para estudo é o Pe. Antônio Vieira, jesuíta que veio para o Brasil possivelmente em 1613/14, onde viveu por mais de 50 anos, dos quais aproximadamente oito foram no Pará e Maranhão. O Pe. Antônio Vieira é reconhecido por sua retórica impecável, por ser um profundo conhecedor da língua portuguesa, por sempre ter sabido utilizar a língua de forma impressionantemente persuasiva... e bela. Os muitos sermões escritos por ele, os “papéis” – como são denominados alguns outros escritos – e demais documentos são a demonstração da magnitude de sua forma de expressar-se. Além disso, é muito marcante a visão que o Pe. Vieira tem sobre o índio e a cultura indígena, daí ele ser figura importantíssima para o estudo da produção literária local. Pode-se afirmar que o Pe. Antônio Vieira foi um dos mais importantes precursores da literatura de temática paraense, se lidas e analisadas as cartas nas quais faz primorosas descrições de cenas amazônicas.

Para se ter uma análise mais completa dessa produção, faz-se necessário contrapor, comparar diferentes visões sobre um mesmo assunto. Por isso, outro padre que também esteve catequizando índios durante o século XVII na região amazônica foi selecionado e estudado: o Pe. Yves D’Evreux, missionário francês, capuchinho, que passou dois anos viajando pelo Norte do Brasil em meados do século XVII. O Pe. D’Evreux, por meio de sua obra, demonstra ter um olhar bem diferente daquele que o Pe. Vieira imprime sobre os autóctones amazônicos.

Analisando os escritos do século XVIII, um dos maiores expoentes que surge é o Pe. João Daniel, missionário também jesuíta, nascido em 1737, em Portugal. O Pe. Daniel, que esteve no Brasil por 16 anos (de 1741, quando chegou ao estado do Maranhão, até 1757), foi um estudante muito aplicado. O Pe. Daniel escreveu dois volumes do que chamou de “Tesouro Descoberto no Rio Amazonas”³, que, desde o título, possibilita aos leitores perceber a grande admiração do autor pelas riquezas amazônicas, estando incluídas nessas “riquezas”, desde a suntuosidade da floresta até a diversidade cultural de seus “surpreendentes” habitantes.

² Vale lembrar que aqui se está fazendo referência apenas à escrita considerada padrão na cultura ocidental. Se ampliado o conceito de escrita, seria necessário considerar a forma de escrita utilizada pelos índios que tinham, sim, sua forma específica de linguagem escrita

– simbólica e icônica (como, por exemplo, as pinturas corporais, os desenhos de imagens, figuras, objetos ou animais diversos em pedras ou rochas, etc.)

³ DANIEL, Padre João. **Tesouro Descoberto no Rio Amazonas**. Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976

3- As diferentes visões no século XVII

Para se ter uma noção inicial de como era visto (e, conseqüentemente, tratado) o habitante local, pode-se partir dessas duas estrofes de um poema de Humberto de Campos, que ilustra muito bem a relação *índio x colonizador*, quando da chegada do segundo na região:

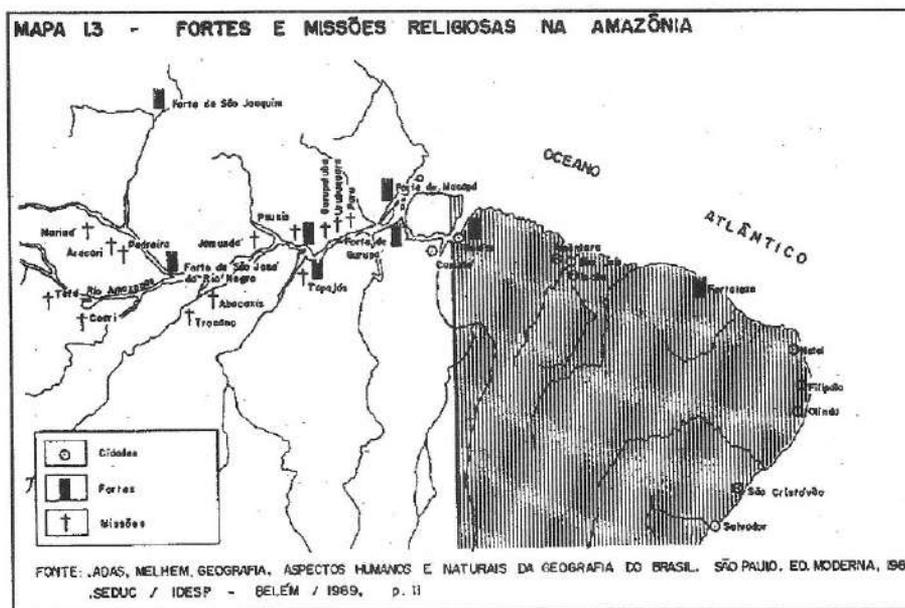
“Rezas pecando. Com pavor das gentes,
Se de contas na mão passas o dia,
Matas tupinambás inocentes.

Para a conquista vinhas dar a imagem:
Vinhas clamar contra a selvageria,
Quando tu, português, eras selvagem!”⁴

Nestes versos, Humberto consegue traduzir com extrema lucidez a forma como era caracterizado o índio (como “selvagem”, com toda a pejoratividade semântica que traz o termo) e a forma como ele era tratado (eram escravizados, inferiorizados e mesmo mortos impiedosamente).

Partindo para comparação das óticas específicas dos missionários, há necessidade de se deixar bem evidente a diversidade de ordens religiosas que para cá vieram durante o período colonial, como está representado no mapa:

A partir deste mapa da região amazônica no período colonial, que documenta as divisões do espaço entre as missões, percebe-se como era grande o número de ordens católicas e como elas tinham seu espaço bem delimitado entre si. Com isso, podemos



⁴ Trecho de CALDEIRA CASTELO BRANCO, de Humberto de Campos. Extraído de MARANHÃO, Haroldo. *Pará. Capital: Belém – Memórias & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade*. Belém: Supercorês, 2000, p. 33.

imaginar quantas divergências havia entre elas, ao menos quanto à forma de atuação, a forma de tratamento dos índios etc. Esse talvez seja um dos motivos pelos quais há diferenças na maneira como os dois padres escolhidos enxergam os índios, suas crenças, hábitos, cultura.

Passando às visões de cada autor, podemos ilustrar a do Pe. Antônio Vieira com o seguinte trecho:

*“Eram nações bárbaras e incultas, eram nações feras e indômitas; eram nações cruéis e carniceiras, eram nações sem humanidade, sem razão, e muitas delas sem lei, que por meio da fé e do batismo se haviam de fazer cristãs. E para apascentar e amansar semelhante gado; para doutrinar e cultivar semelhantes gentes, é necessário muito cabedal de amor de Deus; é necessário amar a Deus”*⁵

Desde as palavras utilizadas por Vieira em sua obra, os adjetivos com que caracteriza os habitantes, pode-se perceber a pejoratividade com que estes são descritos. Para Vieira, a cultura indígena não era cultura e seus hábitos, por serem incomuns para os europeus, eram considerados abomináveis.

Os nativos são considerados como seres desalmados, verdadeiros castigos para quem os tivesse que doutrinar, tamanha seria a dificuldade em fazê-lo. Além disso, são comparados a animais irracionais (gado).

Não se deve imaginar, porém, que o Pe. Vieira, por ter esta visão de certa forma preconceituosa sobre os índios seja um definitivo “vilão”. Na verdade ele era um ambíguo agente da colonização; um dos maiores defensores dos nativos, que muito verberou em benefício destes, segundo o que julgava ser-lhes o ideal. Vieira refletia, representava, apenas, uma ótica construída socialmente por toda a cultura colonizadora, predominante, que ia de encontro à cultura amazônica.

Já a ótica do Pe. Yves D’Evreux pode ser percebida a partir do seguinte trecho, em que o autor descreve com muito boa impressão o empenho dos índios em aprender, em conhecer coisas novas:

*“São mui curiosos os selvagens de saber novidades, e, para satisfazer tal desejo, os caminhos e a distância das terras, por maiores que sejam, lhes parecem curtos (...); prestam-vos toda a sua atenção, escutando o que disserdes durante o tempo que vos parecer, sem enfado e em silêncio, a respeito de Deus ou de qualquer assunto (...)”*⁶

Em vários momentos de sua obra, o autor deixa transparecer uma grande admiração por aqueles seres diferentes, sim, mas para o europeu necessariamente inferiores.

⁵ Trecho do Sermão do Espírito Santo, do Pe. Antônio Vieira, pregado na cidade de São Luís do Maranhão.

⁶ Trecho de D’EVREUX, Yves. Viagem ao norte do Brasil – feita nos anos de 1613 a 1614. São Paulo: Siciliano, 2002, p.120.

Não que D'Evreux chegasse a equivaler índios e portugueses, menos inda, inferiorizar estes em relação àqueles, mas percebe-se que o índio não é visto, pelo capuchinho, como um ser definitivamente subumano, quase irracional, indolente ou preguiçoso. Mas sim como pessoas com uma cultura muito forte, seres muito dedicados, sensíveis e inteligentes.

3.1 A confirmação das metáforas

Outra forma de se confirmar e comparar as percepções dos dois autores do século XVII é por intermédio das metáforas utilizadas por eles em suas obras. Ambos – e principalmente o Pe. Vieira – utilizam muito este recurso.

Uma das metáforas mais marcantes da obra do Pe. Vieira é quando ele compara a região amazônica (com suas muitas tribos, cada uma com seu dialeto específico e diferente dos demais) com a Torre de Babel, onde havia 72 línguas diferentes. O autor destaca que, no caso bíblico, a existência das muitas línguas era um castigo de Deus aos homens, que não eram bons. Analogamente, a existência de muito, mas muito mais de 72 línguas na Amazônia seria também um castigo, só que em pior grau, podendo-se concluir que nessa havia ainda mais barbaridade que na Torre de Babel.

Outro exemplo é quando, em um de seus sermões, Vieira fala do castigo de São Tomé, contando que, após ter passado muitos anos pregando em uma aldeia de índios, São Tomé teria ido embora e, anos depois, ao retornar ao local, pôde perceber que nada havia ficado impressionado nos nativos daquilo que ele tinha ensinado, nem um vestígio sequer, apesar de, até nas pedras, supostamente na Gávea (Rio de Janeiro), terem ficado as marcas das pegadas do santo. Ou seja, com isso, o Pe. Vieira insinua que é mais difícil ensinar os índios que deixar marcas em uma pedra. Os índios são comparados a meros serem inanimados, como as pedras, o que é verificado no trecho *"Nas pedras acharam-se rastos do pregador, na gente não se achou rasto da pregação"*⁷.

Enquanto isso, na obra de D'Evreux, os índios são comparados a aldeões franceses, no momento em que o autor relata sua admiração pelos índios, por sua capacidade de aprender/apreender, por sua imensa dedicação e aplicação, afirmando achar que esses nativos seriam mais fáceis de ensinar, de catequizar, de civilizar, que alguns aldeões da França, por estes franceses estarem impregnados de barbaridade e serem avessos à civilização.

"Tenho para mim que são mais fáceis de serem civilizados do que os aldeões de França, por ter a novidade não sei que influência sobre o espírito, a fim de excitá-lo a aprender o que ele vê de novo e lhe agrada."⁸

⁷ Trecho do Sermão do Espírito Santo, do Pe. Antônio Vieira, pregado na cidade de São Luís do Maranhão.

⁸ Trecho de D'EVREUX, Yves. Viagem ao norte do Brasil – feita nos anos de 1613 a 1614. São Paulo: Siciliano, 2002, p.116.

4- A visão no século XVIII

Passando para o século XVIII, com o Pe. João Daniel, pode-se perceber que o missionário demonstra ter uma visão sobre os índios que poderia ser classificada como intermediária entre os demais missionários estudados, se analisada quanto à forma pejorativa ou não de referir-se aos indígenas. Um trecho que ilustra essa visão:

“Os habitantes e naturaes índios do grande Amazonas são gente também disposta, e proporcionada, como as mais da Europa, menos nas cores, em que muito se distinguem. Nem pareça supérflua esta advertência, de que são gente: porque não obstante a sua boa disposição, e fisionomia, houve europeos, que chegaram a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente, e ua semilhança de racionais; ou ua espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana.”⁹

Com essas palavras, o Pe. Daniel demonstra não concordar com muitos de seus conterrâneos ao falar sobre os nativos do “novo mundo”, chegando a haver, mais uma vez, comparação entre estes habitantes com os europeus, ou “as mais da Europa”, como se refere o Pe. Daniel aos “nobres” europeus. Isso, sem esquecer que, em muitos trechos de seus registros, manifesta em pensamento de autêntico colonizador (discriminador e inferiorizador) acerca dos povos “selvagens” do Brasil.

5- Até os dias de hoje...

Apesar de ter havido mais de uma forma de “enxergar” os índios quando estrangeiros vieram para a Amazônia, o que se pode perceber é que houve uma predominância de uma das visões sobre as demais. Certamente, a que preponderou foi a mais pejorativa.

Isso não se deve, sem dúvida, ao merecimento dos nativos, ou seja, amazônicos, vistos como inferiores por não serem como o europeu desejava, ou seja, europeus também e “civilizados”. Isso é devido ao fato de essa ter sido a postura assumida por esses estrangeiros que vieram para cá; e ao fato de essa ser a visão mais condizente com a idéia que era estabelecida pelos europeus, ao redor do mundo, de que a cultura européia era superior às demais e que todos os povos deveriam submeter-se a ela.

No caso específico que se está analisando, ou seja, no âmbito comparativo entre os dois autores em questão, o que se tem é uma disputa um tanto desigual. No século XVII: de um lado, um padre (Vieira) que passou muitos anos em um mesmo local, teve contato com um número impressionante de índios e tribos e que é reconhecido mundial-

⁹ Trecho de DANIEL, Padre João. Tesouro Descoberto no Rio Amazonas. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 1976. Vol 1

mente por sua grandiosa sabedoria e surpreendente aptidão com as palavras, com um discurso, portanto, poderosíssimo. De outro, um padre (D'Evreux) que passou poucos anos na região, que teve contato apenas com um número restrito de tribos indígenas e que – apesar de não se conseguir contestar, de forma alguma, o poder de seu discurso parenético – não se tornou figura de destaque na literatura universal. Isso talvez tenha tido alguma interferência no processo de fixação das idéias desses missionários na posteridade.

E em relação ao século XVIII, tem-se um padre (Daniel) com significativo destaque, que não chegou, no entanto a interferir de forma representativa na maneira como eram vistos e tratados os autóctones amazônicos.

Independentemente, porém, de se saber os reais motivos que levaram a essa predominância de apenas uma visão, o que percebemos hoje é uma certa deturpação de valores quando se fala em cultura amazônica, paraense, indígena. Por julgarem, ainda, infelizmente, uma característica negativa, muitos paraenses ou amazônidas hoje ainda relutam em admitir ou em reconhecer a ascendência predominantemente indígena na cultura amazônica, apesar da notoriedade com a qual essa herança se afigura.¹⁰

Outra conseqüência desse processo discriminatório que se estabeleceu desde o período colonial até os dias atuais é a ênfase no exotismo que é marcado em quase tudo o que é proveniente da cultura amazônica e indígena: ocorre com freqüência uma visão preconceituosa segundo a qual só se deve falar em Amazônia, para ser Amazônia, vinculando-a às tribos e aos nomes indígenas; aos mistérios de sua sabedoria, aos hábitos vistos como excêntricos, à riqueza de biodiversidades, etc.

6- Exótico x Não-exótico

Nesse contexto, é pertinente destacar uma diferenciação entre o “exótico” e o “não-exótico”, que muitas vezes são confundidos ou mal interpretados.

Segundo o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, de Celso Pedro Luft, “exótico” significa 1. *Estrangeiro; de fora*. 2. *Esquisito; extravagante*. Dessa forma, ao se analisar a cultura regional (amazônica ou paraense), os fatores ou características que destoam desse contexto é que devem ser considerados exóticos, e não os próprios elementos constituintes dessa cultura. Na prática, o que acontece é o contrário, pois as características locais são “avaliadas” ou definidas a partir de comparações feitas por quem vem de fora e para quem tudo – ou quase tudo – em nossa cultura regional é estranho, esquisito, extravagante.

Em conseqüência disso, há uma espécie de padrão (que pode ser comumente estabelecido de forma talvez inconsciente) nas obras na/sobre a região, de forma que

¹⁰ É inegável que nossos hábitos alimentícios, crenças, valores, aspectos físicos etc. estejam completamente impregnados da cultura indígena. As feições características da maioria dos paraenses, a maior parte dos pratos típicos da região, entre outras coisas, são a prova disso.

sempre que se fala sobre algo peculiar à Amazônia ou à cultura amazônica, fala-se de forma a exaltar os aspectos exóticos (em relação ao não-amazônida), como se apenas dessa maneira houvesse validade falar em tais peculiaridades. Isso não é um grande equívoco?

Um bom exemplo de que não necessariamente se tem que destacar exotismos ao se falar do que é amazônico/paraense é o poema "Ver-O-Peso", do escritor paraense Max Martins, transcrito a seguir:

Ver-O-Peso

A canoa traz o homem
 a canoa traz o peixe
 a canoa tem um nome
 no mercado deixa o peixe
 no mercado encontra a fome
 a balança pesa o peixe
 a balança pesa o homem
 a balança pesa a fome
 a balança vende o homem

vende o peixe
 vende a fome
 vende e come

a fome
 vem de longe
 nas canoas
 ver o peso

come o peixe
 o peixe come

- o homem?

vende o nome
 vende o peso

- peso de ferro
 - homem de barro

pese o peixe
 pese o homem
 o peixe é preso
 o homem está preso
 presa da fome
 ver o peixe
 ver o homem
 vera morte
 vero peso.

Nesse poema, o autor fala de um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade de Belém: o Ver-O-Peso. No entanto, a ênfase dada a questões universais – como a fome, a relação do homem enquanto ser humano com o trabalho e as questões sociais, entre outras coisas – demonstra a preocupação do autor em não apenas falar sobre um ponto turístico, mas, mais que isso, refletir sobre questões humanas universais partindo de um símbolo regional.

7- Uma grande árvore

E, nesse contexto, onde se “encaixa” a Literatura? Em tudo! Não se pode esquecer de que tudo o que é considerado Literatura, tudo o que se diz no campo da Literatura, todos os atributos requeridos à Literatura etc. têm íntima relação com as condições sociais, culturais, temporais e espaciais de onde a literatura esteja sendo produzida. Como foi dito anteriormente, para se entender a elaboração literária amazônica, mais especificamente, paraense, é salutar que haja uma compreensão de todo o processo envolvido, desde sua origem, até seu gradativo desenvolvimento.

Dessa forma, a Literatura pode ser vista como uma grande árvore: em suas fortes raízes se tem a origem de tudo – onde se encaixam os séculos iniciais deste processo (XVII e início do XVIII) –; em seguida, um tronco dá continuidade ao todo – fins do século XVIII e século XIX –; e, em uma frondosa copa, pode-se encontrar muito bons frutos – o século XX, com seus tantos nomes marcantes na história da Literatura regional, tais como Bruno de Menezes, Dalcídio Jurandir, Haroldo Maranhão, Maria Lúcia Medeiros, Max Martins, Ruy Barata, entre muitos outros.

Como em uma árvore, na Literatura, cada umas das “partes” que compõem o “todo” está interligada com as demais e seria impossível tentar isolar apenas uma delas.

E, destaque-se, esses ricos “frutos” são a prova de que se pode, sim, fazer literatura de qualidade dispensando a visão exótica sobre a cultura, sobre a região amazônicas; deixando de lado, enfim, a visão preconceituosa das coisas.

8- Mensagem final

Retornando-se, pois, à questão indígena, uma ressalva: é lamentável que uma cultura tão rica e tão preciosa como a indígena continue sendo aniquilada de uma forma tão insensata e talvez irreversível.

O trecho abaixo do Pe. José de Anchieta, por exemplo, certamente seria compreendido por muito poucos, caso não acompanhasse a tradução. São perdas tão valiosas, que muitos nem sequer têm real noção de seu alcance.

“Xe anho
Co taba pupe aico
çerecoaramo uitecobo
xereco rupi imoingobe.

Eu somente
nesta aldeia estou
como seu guardião
fazendo com que ela
obedeça ao meu
querer.”¹¹

Felizmente, algo tem sido feito para combater esse extermínio. Muitas entidades têm se voltado em favor da defesa dos índios, de seus direitos e da preservação de sua cultura – a base da cultura amazônica – tomando medidas enérgicas para isso. Muito, porém, ainda há para ser feito, assim como muito já se perdeu sem chances de se recuperar...

Bons exemplos dessa maior preocupação com a cultura indígena que vêm sendo demonstrados recentemente são algumas letras de músicas nas quais os compositores se preocupam em falar de aspectos da cultura indígena, ou em usar palavras de idiomas indígenas. A seguir, a letra de uma composição de Nilson Chaves e Saint Clair du Baixo, em que quase todas as palavras utilizadas são de idiomas indígenas, algumas, inclusive, são bastante conhecidas pela população, que, muitas vezes, nem sabe da origem de muitos dos vocábulos usados em seu dia-a-dia.

Amocariu

(Nilson Chaves e Saint Clair du Baixo)

Tecai tutera

Amocariu

Itororó, pirajá

Perebebuí,

¹¹ Trecho de *Auto da Festa de São Lourenço*, do Pe. José de Anchieta. Extraído de DONATO, Hernani. *Os Índios do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 2000

Cajuru,
Cametá,
E Marajó

Foi o curumim
Para adormecê
Na samaúma
Mãe da floresta
Plumas ao vento
Itaguari

Tecai tintera
Amocariu

Tecai tintera amocariu – Adeus prá sempre vou partir, na
Língua tupi
Itororó, Pirajá, Perebebui, Cajurú, Cametá, Marajó e
Itaguari – nomes de tribos indígenas

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 2 ed. Bertrand Brasil, 1998
- CÂNDIDO, Antônio. *A Literatura e a Formação do Homem*. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 24 (9), setembro 1972
- CHIAPPINI, Ligia. *Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*. Lua Nova, São Paulo, n. 1, sd.
- DANIEL, Padre João. *Tesouro Descoberto no Rio Amazonas*. Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976
- D'EVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613–1614*. Tradução César Augusto Marques. São Paulo: Siciliano, 2002
- DONATO, Hernani. *Os Índios do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 2000
- LIMA, Deborah Magalhães. *A construção Histórica do Termo Caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico*. Belém: Novos Cadernos NAEA, v. 2, n. 2, 1999
- LÜFT, Celso Pedro. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione Autores Editores, sd.

MARANHÃO, Haroldo. *Pará, Capital: Belém – Memórias & Pessoas & Coisas & Loisas da Cidade*. Belém: Fumbel, 2000

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 127-142

ORTIZ, Renato. *Um outro território. Ensaio sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'água, s.d., p. 57-89

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O Pináculo do Temp(l)o. O Sermão do Padre Antônio Vieira e o Maranhão do Século XVII*.

VIEIRA, Antônio. *Sermão da Epifania*

VIEIRA, Antônio. *Sermão do Espírito Santo*